

A “Ideologia de Gênero” Como Estratégia do Conservadorismo Religioso Brasileiro na Contemporaneidade

La “Ideología de Género” Como Estrategia del Conservadorismo

Religioso Brasileño en la Contemporaneidad

Celso Gabatz¹

Resumo

A *ideologia de gênero* vem ganhando destaque nos debates públicos no atual cenário brasileiro marcado, em grande medida, pelo avanço do conservadorismo religioso, tornando-se uma das principais bandeiras de antagonismo, sobretudo em relação às políticas feministas e LGBTTT. Para o conservadorismo político e sexual brasileiro, o momento é de ofensiva; para os movimentos sociais e minorias, é de reorganização. Esta comunicação procura realizar uma reflexão sobre o avanço da *ideologia de gênero* na conjuntura nacional, suas raízes históricas, as consequências políticas, os atores envolvidos e as articulações em torno da promoção da diversidade sexual e de gênero no Brasil nos dias atuais.

Palavras-Chave: “Ideologia de Gênero”; Conservadorismo Religioso; Diversidade.

Resumen

La *ideología de género* viene ganando destaque en los debates públicos en el actual escenario brasileño marcado, en gran medida, por el avance del conservadorismo religioso, convirtiéndose en una de las principales banderas de antagonismo, sobre todo en relación a las políticas feministas y LGBTTT. Para el conservadorismo político y sexual brasileño, el momento es de ofensiva; para los movimientos sociales y las minorías, es de reorganización. Esta comunicación busca realizar una reflexión sobre el avance de la *ideología de género* en la coyuntura nacional, sus raíces históricas, las consecuencias políticas, los actores involucrados y las articulaciones en torno a la promoción de la diversidad sexual y de género en Brasil en los días actuales.

Palabras clave: “Ideología de Género”; Conservadorismo Religioso; Diversidad.

Introdução

O termo *ideologia de gênero* ganhou maior visibilidade no Brasil a partir de 2014 com as ações em torno do Plano Nacional de Educação (PNE), culminando na retirada das referências à “orientação sexual” no mesmo pelo Congresso Nacional. A *ideologia de gênero* simplifica e aglutina teorias que desnaturalizam as relações sociais e sexuais. É bastante questionada não apenas no Brasil, mas maioria dos países que possuem certa hegemonia cristã. O embate acontece por conta de manifestações, cartilhas, livros, conferências, e outras formas de disputa e narrativas (LIONÇO, 2014).

A noção da *ideologia de gênero* começa a alcançar maior visibilidade no Brasil a partir de atores vinculados ao catolicismo, em especial padres e bispos. No entanto, no âmbito

¹ Doutor em Ciências Sociais (UNISINOS). Mestre em História (UPF). Pós-Graduado em Ciência da Religião e Docência no Ensino Superior. Graduado em Sociologia (UNIJUI); Teologia (EST); Filosofia (CEUCLAR). Contato: gabatz12@hotmail.com.

do Congresso Nacional há uma grande demanda e popularização das lideranças evangélicas neopentecostais como, por exemplo, Silas Malafaia, Marco Feliciano e Magno Malta. Trata-se de um discurso instrumentalizado como estratégia de mobilização popular contra a “destruição da família” e o avanço do “marxismo cultural”. Logo, a *ideologia de gênero* se torna uma bandeira importante enquanto estratégica do conservadorismo religioso na busca por uma instrumentalização política e uma moralidade pública.

Avanço do Conservadorismo Religioso no Brasil

No Brasil, a ofensiva das lideranças políticas e religiosas ensejou a realização de manifestações populares conservadoras em diversas câmaras de vereadores e assembleias legislativas para a aprovação de leis contrárias à “*ideologia de gênero*”. O conservadorismo religioso alinhado com o liberalismo econômico retrata uma narrativa em termos de derrocada das políticas de inclusão, cidadania e direitos humanos. Busca-se exterminar aquilo que é chamado de “marxismo cultural”, de “ditadura gay”, de “doutrinação comunista”.

Para a pesquisadora Flávia Biroli, o avanço da *ideologia de gênero* no Brasil, em sua essência, é uma ameaça à consolidação de valores básicos da democracia, como o respeito à diversidade humana, a laicidade do Estado e o combate à discriminação e violência contra minorias.

Vejo as ofensivas contra a “ideologia de gênero” como a busca de naturalização de posições – as visões bem situadas e particulares de alguns, no caso de grupos religiosos, apresentadas como fossem universais. Nesse caso, o recurso à ideia de que existe uma natureza/verdade e uma ideologia/falsidade é o dispositivo central para a universalização de uma posição bem situada (2015).

É porque a instituição familiar é concebida de maneira unívoca é que ela tem um papel decisivo na manutenção do conservadorismo religioso que seus adeptos se apropriaram do conceito de “*ideologia de gênero*”, uma teoria cunhada pelo advogado argentino Jorge Scala (2015), em uma obra intitulada “Ideologia de Gênero: neototalitarismo e a morte da família”. Nessa concepção, as teorias do campo dos estudos de gênero e sexualidade são vistas como ideologias que poderiam dissolver a família tradicional.

A ampla disseminação da falsa premissa de que a “*ideologia de gênero*” implica na desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, um retrocesso e demonização do “inimigo”, quando o que se pretendia com a “promoção da igualdade [...] de gênero e de orientação sexual” era simplesmente contribuir para “a superação das desigualdades educacionais” (BRASIL, 2012) que comprovadamente existem entre os gêneros, em consonância com as décadas de debates, acordos e políticas públicas estabelecidas democraticamente a fim de promover a equidade de gênero.

Os argumentos utilizados pelos que disseminaram a noção de “*ideologia de gênero*” na forma de “totalitarismo”, “nazismo”, “imposição”, podem ser igualmente aplicados aos seus “adeptos”, uma vez que desejam impor a manutenção das desigualdades de gênero nas quais as meninas e mulheres ficam em situações inferiores aos meninos e homens, manipulando pessoas sem senso crítico por meio de uma ideologia fascista sem fundamento científico.

Criou-se uma falácia que induziria à destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre gêneros, e que nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBTTT comprovadas com dados

oficiais e estudos científicos. Utilizou-se de desonestidade intelectual, formulando argumentos sem fundamentos científicos e replicando-os nas mídias sociais para serem engolidos pelos fiéis acríticos que os aceitam como verdades inquestionáveis.

Utilizou-se também de uma espécie de terrorismo moral atribuindo o status de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual, além de intimidar profissionais de educação com notificações extrajudiciais com ameaça de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar. Utilizou-se de uma ideologia no sentido de uma “crença utilizada para o controle dos comportamentos coletivos”, podendo ser “uma crença totalmente infundada” (ABBAGNANO, 2003, p. 533).

Conclusões

É necessário defender a igualdade de gênero, mas não a partir de uma ideologia deturpada disseminada pelas forças reacionárias. O que é preciso defender é a erradicação das iniquidades de gênero, que fazem uma distinção binária entre masculino e feminino, relegando o feminino a um plano inferior, estabelecendo papéis inflexíveis de gênero para o masculino e o feminino que apenas reforçam desigualdades, muitas vezes originadas no patriarcado, ou uma “ordem patriarcal de gênero” (SAFIOTTI, 2004, p. 136). É preciso promover uma ideologia de gênero em que masculino e feminino tenham condições de estar em pé de igualdade, inclusive para combater as violências contra o gênero feminino, consideradas por alguns como inerentes à condição masculina.

Para diluir o perigo social representado por determinados contingentes que se deixam manipular por determinados atores ao seguir certos dogmas ou crenças em desencontro com valores democráticos e com o direito à igualdade, é preciso que a educação avance no cumprimento de seu papel de preparar os indivíduos para a cidadania, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento de sua capacidade crítica na promoção da cultura da paz em uma sociedade pautada pelos valores da justiça social, da igualdade entre os sexos, da eliminação do racismo, sem intolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, equilíbrio e liberdade política.

Neste debate é importante a participação ativa de pessoas e setores de, inclusive do mundo acadêmico e das religiões, que possam contribuir com posicionamentos que apontem para a moderação dos extremismos e a convivência harmônica com as diferenças.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIROLI, Flávia. **A “ideologia de gênero” e as ameaças à democracia**. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/26/a-ideologia-de-genero-e-as-ameacas-a-democracia/>. Acesso em: 19 de Outubro 2017.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2011**/Secretaria de Direitos Humanos; Priscila Pinto Calaf, Gustavo Carvalho Bernardes e Gabriel dos Santos Rocha (Orgs.). Brasília, DF : Secretaria de Direitos Humanos, 2012.

LIONÇO, Tatiana. **“Ideologia de gênero”**: a emergência de uma teoria religiosa sobre os riscos da democracia sexual. Revista Fórum, 2014. Disponível em:
<http://www.revistaforum.com.br/2014/09/27/ideologia-de-genero-emergencia-de-uma-teoria-religiosa-sobre-os-riscos-da-democracia-sexual/>. Acesso em: 25 de Setembro 2017.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCALA, J. **Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família**. São Paulo: Katechesis, 2015.